

*FUNNY HOW: SKETCH COMEDY AND THE ART OF HUMOR*

Diego Hoefel (FCSH-Universidade Nova de Lisboa)

Alex Clayton, Albany: State University of New York Press, 2020, 141 pp., ISBN: 9781438478296.

A comédia em esquetes é uma das formas mais comuns de estruturação cômica. Se considerarmos, como propõe Mast (1979, 32-36), que se pode identificar o surgimento da comédia cinematográfica já nos filmes dos irmãos Lumière e de Méliès, não será exagero dizer que nascia ali também, junto com o cinema, a tradição de se criar vinhetas autônomas com a finalidade de fazer rir. Mais tarde, com o cinema falado e com a televisão, as esquetes firmaram-se como um formato recorrente na produção cômica, não muito distinto do que segue sendo produzido até hoje. Na academia, contudo, embora as comédias em esquetes estejam presentes no corpus de diversas investigações, não há um grande número de estudos que se dediquem exclusivamente ao formato. É essa lacuna que *Funny How: sketch comedy and the art of humor* promete suprir, algo que inclusive o autor menciona nas primeiras linhas do texto, ainda no prefácio, quando afirma que aquele é “o primeiro livro escrito por um único autor dedicado à análise da comédia em esquetes” (Clayton, 2020, p. xiv). Isso não é exatamente correto: um ano antes, ainda em 2019, foi publicado um outro estudo sobre o mesmo tema, também de um único autor, contudo focado na relação das esquetes com a identidade e a política norte-americana (Marx, 2019). De toda a forma, isso não minimiza a importância da investigação, muito bem-vinda especialmente por se tratar de um formato já tão consolidado na cultura de massa, e até hoje pouco destrinchado teoricamente.

Além disso, a proposta surge num momento em que se constata um consumo crescente de comédias em esquete através da internet, facilitado pela curta duração e pela autossuficiência do formato. Essa tendência é identificada e debatida na produção acadêmica dos últimos anos (Kay, 2018; Tofler, 2017; Elsayed, 2016; Carter, 2016). A maioria dessas discussões, no entanto, centra-se na relação entre os conteúdos analisados e a sociedade em que estão inseridos. Portanto, apesar de seus objetos incluírem essencialmente esquetes, o esforço teórico não está direcionado à definição das especificidades do formato. Essa escassez de reflexões de fôlego com foco nas características da comédia em esquetes é mais um elemento que reitera o quão oportuno um livro como *Funny How* é atualmente.

A questão central do livro estrutura-se em torno do que faz as esquetes analisadas “funcionarem” comicamente, ou seja, em torno da maneira *como* elas são *engraçadas*— e daí seu título. É uma indagação complicada, que remonta a alguns dos mais célebres estudos sobre a causalidade do riso. O autor conhece bem essas teorias, e as apresenta de forma detalhada em seu primeiro capítulo, com a singularidade de trazer esquetes como exemplos para discutir as ideias de Thomas Hobbes, Kant, Bergson e Schopenhauer. Na sequência, a estrutura do livro é composta por quatro capítulos de análise e pela conclusão.

O argumento principal oscila em torno da ideia de que o humor é “irredutivelmente composto” (Clayton 2020, 47), ou seja, é sempre construído a partir de uma multiplicidade de fatores, ao contrário do que apontam teorias como a da superioridade, do alívio, ou da incongruência. Originalmente, segundo essas teorias, o riso é consequência de uma única causa, seja ela a impressão de uma eminência em relação aos outros (Hobbes 2010 [1650]), o alívio de uma expectativa tensa (Kant 2017 [1790]), ou a percepção de uma incongruência entre um conceito e o objeto real (Schopenhauer 2010 [1883]). Clayton mapeia essas teorias para concluir que o riso não pode ser considerado como decorrência de um único fator, mas deve ser tratado como uma composição de elementos. O argumento no entanto é vago, e também uma espécie de *fait accompli*. É comum que outros autores revisitem essas teorias generalistas, mas sempre por interesse histórico, ou como pistas iniciais para se compor uma reflexão, e não como uma defesa de que o riso efetivamente possa ser explicado por um único viés. Clayton sabe disso, tanto que percebe que não há problematização por trás de seu argumento e diz explicitamente que seu trabalho pressupõe a necessidade de uma “hipótese norteadora” (Clayton 2020, 47). O resultado é um texto que não somente abdica de fazer perguntas, mas também se mostra difuso nas suas respostas, o que faz com que diversas assuntos abordados fiquem pouco organizados, dificultando a sistematização de seu contributo para o campo.

À exceção do primeiro capítulo, em que o autor apresenta e discute as principais teorias sobre o riso, todos os demais são organizados a partir da análise de três esquetes, unidas a partir de diferentes tópicos. Não se apresenta a razão pela qual esses tópicos são escolhidos, nem uma reflexão sobre como eles se relacionam uns com os outros. O autor dedica um parágrafo introdutório a cada discussão e depois inicia as análises, o que deixa pouco claro como ele entende, de forma global, a relação entre esses tópicos e a comédia em esquetes. Entre os assuntos dos capítulos estão: *takeoffs* (conjunto de esquetes paródicas), *thought experiments* (esquetes compostas a partir de uma premissa imaginativa, do tipo “e se o mundo fosse...”), *prime numbers* (esquetes musicais) e *pitched battles* (esquetes em que ocorre uma competição entre dois ou mais polos). Os tópicos parecem junções temáticas entre as diferentes esquetes, a priori

(imagina-se) não exaustivas. A ausência de uma maior reflexão sobre sua divisão, faz com que elas pareçam justificativas temáticas para as constelações de obras presentes nos capítulos, mais do que reflexões sobre elementos da comédia em esquetes.

No interior de cada capítulo, sucedem-se pormenorizadas descrições das diferentes esquetes, que compõem a parte central do livro. Elas são justificadas pelo autor como uma “re-descrição avaliativa do objeto cômico para o qual o riso se dirige” (Clayton 2020, 14). Ele parte da premissa de que as esquetes que analisa são engraçadas e de que um detalhamento transcritivo permitiria um diagnóstico das operações que tornam possível que as esquetes gerem riso. Há no livro momentos brilhantes, em que realmente alguns elementos sutis e pouco perceptíveis (como a cadência, o ritmo, a musicalidade) são sublinhados. Destaco também uma discussão sobre a construção dos personagens nas esquetes, em que o autor pontua sua frequente ausência de complexidade e uma equiparação entre personagem e seu comportamento (Clayton 2020, 75), o que parece uma ideia boa e digna de um exame mais aprofundado. O foco excessivo na descrição, no entanto, acaba por deixar o livro por vezes difuso e pouco assertivo em suas conclusões, já que elas se aplicam a cada esquete específica e muito raramente são expandidas para se pensar parâmetros objetivos sobre o formato de maneira alargada.

Na conclusão, *Funny How* tenta suprir a dispersão presente nos capítulos de análise a partir de uma reorganização das discussões abordadas ao longo do livro. Para isso, o autor propõe a aplicação dos três modos de expressão persuasiva propostos por Aristóteles (*ethos*, *pathos* e *logos*) para pensar uma possível retórica do humor; e utiliza as esquetes já analisadas como exemplos para embasar sua proposição. Essa de fato parece uma boa chave teórica para se discutir comédias. Ela, contudo, não aprofunda a discussão sobre a comédia em esquetes, o que faz com que, mesmo no encerramento do texto, sua contribuição não seja específica ao tema inicialmente traçado. Além disso, é estranho que uma ideia como essa apareça apenas na conclusão sem ter sido sequer mencionada anteriormente.

Apesar da relevância do assunto, e da consciência explícita de seu pioneirismo, *Funny How* nem sempre discute, como seria desejável, com a profundidade e o escrutínio científico esperado, as características e especificidades da comédia em esquetes. Acredito que isso ocorra em especial porque o foco da análise não está nas esquetes em si (i.e. em seu funcionamento, linguagem e estética), mas no que as faz “funcionar” comicamente. Essa questão, aliás, ao contrário do problema acerca das esquetes, não é em absoluto nova, ou pioneira. Assim, o livro parte de um ponto (a esquete), mas se pergunta sobre outro (a graça, ou em inglês “*funniness*”), o que faz com que o tema inicial saia da centralidade da análise e por vezes pareça um recorte feito com a finalidade de compor o corpus. O risco disso é que o livro pode ser interpretado mais como um

ensaio especulativo sobre o que torna algo engraçado, do que como uma investigação focada nos elementos específicos que caracterizam ou distinguem as esquetes de outras formas de comédia.

#### BIBLIOGRAFIA

- Carter, E. (2016). *Entering through the Porta dos Fundos: The Changing Landscape of Brazilian Television Fiction*. *Television & New Media*, 410-426.
- Clayton, A. (2020). *Funny How: sketch comedy and the art of humor*. Albany: State University of New York Press | Series: Sunny Press, horizons of cinema.
- Elsayed, Y. (2016). “Laughing Through Change: Subversive Humor in Online Videos of Arab Youth”. *International Journal of Communication*, 5102-5122.
- Hobbes, T. (2010 [1650]). *The Treatise on Human Nature and That on Liberty and Necessity*. Hard Press Publishing.
- Kant, I. (2017 [1790]). *Crítica da Faculdade do Juízo*. Lisboa: INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Kay, K. (2018). “New Indian Nuttaks: Comedy and Cultural Critique” in *Millennial India*. Cham: Palgrave Macmillan.
- Marx, N. (2019). *Sketch Comedy: Identity, Reflexivity, and American Television*. Bloomington: Indiana University Press.
- Mast, G. (1979). *The Comic Mind: comedy and the movies*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- Schopenhauer, A. (2010 [1883]). *The World as Will and Representation - Volume 1*. Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- Tofler, M. (2017). *Australian made comedy online – laughs, shock, surprise and anger*. *Continuum*, 820-832.